

PLURALIDADE CULTURAL NO PIBID – ARTES VISUAIS: VIVÊNCIAS CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS EM PELOTAS, RS.

ERICSSON AMORIM ARAUJO¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – ericsson.amorim@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca apresentar uma proposta de ensino e pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do Pibid – Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, nos anos de 2014 a 2016. O objetivo do projeto é trabalhar as Artes Visuais como ferramenta de mediação em realidades – universidade e comunidade civil – propondo formas de desconstruir preconceitos enraizados no indivíduo, presentes na educação básica e em todas as outras esferas sociais, abordando em espaços educativos culturas que foram marginalizadas no processo de colonização do Brasil.

“A exclusão da pessoa negra no processo educativo é revelada pela história da educação brasileira, pesquisas quantitativas e qualitativas evidenciam o processo de discriminação racial que se consolida desde épocas escravocratas e se faz presente em atitudes enraizadas e naturalizadas nas práticas sociais (HASENBALG, 1979)”.

O decreto nº13331 de 17 de fevereiro de 1854 estabelecia a não admissão de escravos nas escolas públicas do país. A situação de vulnerabilidade principalmente educacional, em que essas pessoas se encontram atualmente tem ligação direta com a herança escravocrata que o Brasil carrega. Esses fatos são comprovados por dados levantados no questionário socioeconômico da Prova Brasil 2011, aplicada a nível nacional e respondido por 2,3 milhões de alunos do 5º ano. Dos alunos que responderam à questão de reprovação ou abandono da escola, um terço havia passado pela situação de insucesso na escola. Desses, 43% se autodeclararam pretos, 34% pardos e 27% brancos segundo a denominação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

“A problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação (CRUZ, 2005).”

Esses dados evidenciam que além das vulnerabilidades sociais, a discriminação racial e a falta de representatividade cultural colaboram para a evasão escolar. Essa evasão muitas vezes coloca estes jovens em contato com o crime, o que culmina no genocídio de jovens negros no Brasil. Como podemos ver segundo dados do site Jovem Negro Vivo, que revelam a chacina de jovens negros no país: em 2012, 56.000 pessoas foram assassinadas no Brasil, destas, 30.000 são jovens entre 15 a 29 anos, desse total 77% são negros. A maioria dos homicídios é praticado por armas de fogo, e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados.

Vivemos hoje no Brasil um importante momento histórico, os programas de incentivo à educação do antigo governo federal permitiram que jovens de baixa renda tivessem acesso a universidade pública. O acesso ao conhecimento acadêmico junto as oportunidades de ação que esses jovens obtêm tem sido ferramenta para a abordagem de temas que antes não tinham tanto destaque na

academia. A escola na contemporaneidade tem um papel fundamental a desempenhar nesse processo, onde é possível problematizar e desconstruir essas opressões. Desta forma, pretendemos verificar como a cultura afro-brasileira está sendo tratada e trabalhada dentro das escolas pelos professores. Para tanto, propomos vivências através da prática com oficinas e experiências que discutam arte e cultura afro-brasileira na educação, realizando máscaras com materiais alternativos, pão, contação de histórias da mitologia africana e modelagem de barro.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa teve início a partir do estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e temas transversais sugeridos pela coordenadora do projeto institucional do Pibid – Artes Visuais. Nas reuniões iniciais do grupo discutimos sobre as possibilidades da transformação social que a educação pela arte poderia proporcionar aos alunos, e as formas viáveis de trabalhar os temas vistos nos PCN no ensino fundamental, eixo de estudo do Pibid – Artes Visuais. Os temas Sustentabilidade e Pluralidade Cultural foram geradores de importantes reflexões nos encontros do grupo, a partir dessas reflexões começamos a desenvolver ações que fizessem esse elo entre esses dois temas.

O projeto também surgiu através do estudo das Leis de Diretrizes e Bases da Educação 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino - fundamentais e médios, contato esse que se deu através das reuniões do grupo interdisciplinar D.E.A – Design, Escola e Arte (Centro de Artes/UFPEL) e do estudo do “Kit A Cor da Cultura” – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Foi discutido nessas reuniões o papel da pessoa negra na formação da cidade de Pelotas e no Brasil, além do despertar da visão para os reflexos da diáspora africana na situação atual do sujeito negro.

As oficinas desenvolvidas no projeto até o momento foram aplicadas nos anos de 2014 e 2015 nos seguintes espaços: Escola Estadual Dr Franklin Olivé Leite; Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Joaquim Ferreira de Melo; Escola Estadual Ginásio do Areal; Escola Municipal Dr Balbino Mascarenhas; Semana de consciência negra de Pelotas, 2014 e 2015; Evento cultural Vão Negro, 2014; SIGAM – Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória – 2014; Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo como parte da programação da 13ª semana de museus; Orfanato Casa dos Meninos de Pelotas; Encontro Nacional dos Estudantes de Arte de 2015 em Santa Maria.

Aplicamos as oficinas para grupos variados e plurais, desde alunos do ensino fundamental I a graduandos de diversas áreas. Em cada oficina tivemos uma prática única e plural, com a experiência e o retorno que tivemos em cada vivência alteramos e lapidamos a condução e planejamento dessas no decorrer desse período. Nas oficinas experimentamos formas de ensinar que se dissociassem do método de ensino tradicional adotado na maioria das escolas hoje em dia,

[...] o processo de ensino aprendizagem centrado nos métodos tradicionais de ensino, em geral, não valorizam o diálogo, ou seja, o professor é o único detentor do “status” do saber (SILVA, 2012).

Propúnhamos na maioria das vivências a saída da sala de aula para que trabalhássemos em locais abertos, bem ventilados e iluminados pelo sol. As

oficinas eram aplicadas sempre em rodas para que os alunos fossem estimulados a se comunicar, compartilhando o aprendizado. Pretendíamos assim horizontalizar o processo de troca de experiências e trazer a cultura da oralidade para a oficina como ferramenta de preservação da identidade afro-brasileira e indígena, em algumas oficinas com o ensino fundamental antes de pintarmos as máscaras houve o momento da leitura de contos mitológicos africanos, usamos o recurso da contação de história para criar um espaço lúdico onde a criança pudesse se expressar e criar de forma livre. Após a história havia um momento de diálogo sobre a importância dessas culturas marginalizadas, o racismo nessas conversas se tornou uma pauta principal em muitos momentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ensino infantil percebemos que as crianças se encantavam com as tintas, com as cores e suas misturas, por ser uma proposição diferente elas recebiam muito bem tudo o que era sugerido, trabalhávamos o caráter lúdico e ritualístico das máscaras, o que despertava o imaginário das crianças e possibilitava uma imersão no universo místico que as máscaras traziam.

No ensino fundamental II e ensino médio a oficina foi muito bem assimilada pelos alunos também, os diálogos nessas turmas transitavam entre racismo, intolerância religiosa e a morte dos jovens negros no Brasil. A desigualdade social é produzida na relação de dominação e exploração socioeconômica e política, ao trabalhar de forma direta com a valorização da pluralidade cultural brasileira focamos diretamente nessa questão. A discriminação acontece devido ao contexto socioeconômico marginal em que vive o oprimido. A ideia de abordar temas que subvertem estrutura autoritária da sala de aula é usar essas ações como forma de resistência e militância. Agindo de forma consciente e propondo ações que despertem a visão dos alunos para o mundo a sua volta, “viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo (GALLO, 2008).” Com essas turmas era discutida a importância de jovens negros ingressarem na universidade e assumir protagonismo nas suas lutas, visto que só o oprimido pode falar por ele mesmo. Os resultados estéticos obtidos com essas turmas de alunos mais velhos foram também muito plurais.

No Enearte 2015, com universitários de todo o país, a vivência foi além do momento da confecção das máscaras, pois colhemos o material junto com os graduandos, nesse processo de colheita das cascas pretendeu-se trabalhar a autonomia incorporada nas práticas da oficina. Por ser um público mais instruído e politizado discutimos e aprofundamos questões antes já pensávamos, porém não tínhamos pontos de vistas tão plurais sobre, pudemos expor essas questões para pessoas que estudam e produzem arte. Discorremos sobre o papel de resistência do arte-educador preto nas escolas, sobre práticas pedagógicas que abordam e desconstruem o racismo na sala de aula, sobre propostas práticas que valorizam a pluralidade cultural brasileira, entre outros assuntos. O resultado estético obtido foi muito rico diversificado, nessa oficina os graduandos usaram outros elementos além das cascas de palmeira como folhas, galhos, flores e sisal, o uso desses elementos valorizou muito a produção final das máscaras.

4. CONCLUSÕES

As oficinas tem gerado retornos promissores e reflexões essenciais para nós futuros arte-educadores, também têm proporcionado vivências multiculturais

no espaço escolar e trocas de saberes riquíssimas. Há uma boa recepção por parte dos alunos e da comunidade escolar. As questões que problematizamos são discutidas na escola para despertar o senso crítico nos alunos e instrumentalizá-los para que sabiam lidar com situações de racismo. Como oficinairo, aluno, pesquisador e futuro arte-educador encontro real sentido nesse fazer, pois é uma forma direta de entrar em contato com a realidade escolar e trabalhar nela questões que vivo e dialogo diariamente. Essa pesquisa tem possibilitado através de um trabalho sensível e criativo inserir a afetividade e a tolerância as diferenças em todos os espaços que passamos. A desconstrução dos preconceitos que a sociedade nos impõe tem de ser diária e é resistindo nos espaços de formação que validamos essas lutas e construímos em coletivo um futuro mais justo.

Hoje com quase dois anos no Pibid, percebo o quanto o programa tem contribuído para a minha formação acadêmica, o Pibid me colocou em contato com outros alunos com interesses semelhantes aos meus. A partir desse contato conseguimos nos organizar e trabalhar a arte educação focadas na ancestralidade afro-brasileira nas escolas e em outros espaços públicos. Escrever sobre todo esse processo tem sido fundamental, visto que dessa forma ficam registradas nossas ações e reflexões no âmbito da academia, que é um espaço que precisa de representatividade e resistência preta. Pudemos experimentar muitas vivências distintas nessas oficinas, porém escrevemos pouco sobre, pretendo escrever mais sobre os ensaios que essas práticas e aprofundar essa pesquisa que recentemente está sendo registrada por palavras escritas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HASENBALG, Carlos. **Descriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro, ed. Graal, 1979.

CRUZ, Mariléria dos Santos et al. (orgs). **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2005.

WOODWARD, K. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes. 2000

SILVA, Adriana da. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula**. 2012. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121152>>.

BRASIL.SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte, 2. ed. Autêntica, 2008.